FLOWARD

BLAKE CROUCH

N. K. JEMISIN

VERONICA ROTH

AMOR TOWLES

PAUL TREMBLAY

ANDY WEIR

intrínseca

FORWARD

BLAKE CROUCH
N. K. JEMISIN
VERONICA ROTH
AMOR TOWLES
PAUL TREMBLAY
ANDY WEIR

FORWARD

TRADUÇÃO DE BRAULIO TAVARES

Summer Frost © 2019 Blake Crouch
Emergency Skin © 2019 N. K. Jemisin
Ark © 2019 Veronica Roth
You Have Arrived at Your Destination © 2019 Amor Towles
The Last Conversation © 2019 Paul Tremblay
Randomize © 2019 Andy Weir

TÍTULO ORIGINAL
Forward Collection

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Júlia Ribeiro
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA E GUARDAS
Anderson Junqueira

IMAGENS DE CAPA E GUARDAS
Gugai/ ShutterStock (capa), ArtHead/ ShutterStock (guardas)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F862

Forward / Blake Crouch ... [et al.] ; tradução Braulio Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Forward collection
ISBN 978-65-5560-270-8
ISBN 978-65-5560-075-9 [ci]

1. Contos americanos. I. Crouch, Blake. II. Tavares, Braulio.

21-71282

CDD: 813
CDU: 82-34(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Nota do organizador da coletânea *Forward* **7**

Blake Crouch | Summer Frost **9**

N. K. Jemisin | Pele de emergência **89**

Veronica Roth | Arca **125**

Amor Towles | Você chegou ao seu destino **165**

Paul Tremblay | A última conversa **217**

Andy Weir | Randomizando **269**

NOTA DO ORGANIZADOR DA COLETÂNEA *FORWARD*

Há um ano e meio, minha companheira e eu estávamos dirigindo pelas Montanhas Rochosas, não muito longe de onde moro. Os álamos tinham começado a mudar de cor, e o ar estava perfumado com todos os odores que associo ao outono: incenso, terra, a fase inicial da decomposição. Durante o passeio, debatíamos as tecnologias em ascensão sobre as quais li na *Scientific American*, girando em torno do tópico abrangente que é crescer na bolha do desenvolvimento acelerado e da evolução tecnológica. Apesar de a maior parte disso ter sido maravilhosa, algumas das mudanças trouxeram consequências que preferiríamos desfazer.

No momento da descoberta, como alguém é capaz de prever aonde seu trabalho irá levar?

Devemos permitir que essa incerteza interrompa o impulso de avançar ou nos lançamos à sorte, deixando que o acaso se encarregue de tudo?

Qual é a sensação de mudar o mundo?

Essas perguntas me intrigaram tanto que escrevi um conto sobre o tema. Mas minha obsessão não parou aí — eu também queria saber o que outros escritores criariam quando lhes fossem propostas essas mesmas questões.

E assim nasceu esta coletânea, construída por escritores cujas mentes me fascinam.

N. K. Jemisin (da trilogia *A Terra Partida*) escreve narrativas de fantasia e ficção especulativa que você nem sequer seria capaz de imaginar. Paul Tremblay é o maior escritor de terror da atualidade, e seu livro *Na escuridão da mente* ainda me causa pesadelos. Veronica Roth, com sua icônica trilogia *Divergente*, criou um mundo inesquecível, povoado por personagens maravilhosos. Andy Weir capturou o imaginário mundial e fez o impossível com a ciência no seu já clássico *Perdido em Marte*. E Amor Towles, com seu *Um cavalheiro em Moscou*, escreveu um dos melhores romances que já li. Eu o recomendo diariamente.

Convidei esses escritores para participar de uma coletânea que explora os efeitos retumbantes de um momento-chave da tecnologia, e, para meu grande prazer, eles aceitaram. Eu sabia que atenderiam às expectativas com suas histórias, mas não estava preparado para a abundância de preciosidades que a coletânea se tornou.

Após ler esses seis contos capazes de dar um nó na nossa cabeça, espero que você concorde comigo.

Blake Crouch
Durango, Colorado
3 de maio de 2019

SUMMER FROST

BLAKE CROUCH

Eu te exigi, Criador, que do barro
me moldasses em homem? Eu te pedi
que me extraísses da escuridão?

— John Milton, *Paraíso Perdido*

UM

Do Hotel Fairmont, vi quando ela roubou a Maserati vinte minutos atrás, em plena luz do dia. Agora, a uma distância de três carros, tudo que vejo é o tremular louro de uma mecha solta por cima do assento do conversível e seus óculos escuros modelo aviador refletidos no retrovisor.

O sinal fica verde.

Acelero seguindo o tráfego na interseção da Presidio Parkway com Marina Boulevard, após o Palácio de Belas Artes, a rotunda se reduzindo no espelho lateral.

Margeamos pelo norte na Presidio, passamos pelo túnel e pelo pedágio, e logo estou galgando o aclive suave que conduz à primeira torre alaranjada da ponte. Nesta manhã não há neblina, e a baía cintila sob um céu tão radiosamente azul que nem parece real. Com exceção de algumas paisagens icônicas, a cidade branca que aparece no retrovisor não se assemelha em nada àquela que eu conheço.

Toco o Ranedrop preso atrás de minha orelha e digo:

— Brian? Na escuta?

— Perfeito aqui, Riley.

— Eu a alcancei de novo. No Fairmont.

— Em que direção ela está indo?

— Norte, como previsto.

— De volta para casa.

Há certo alívio na voz de Brian. Eu sinto o mesmo. O fato de ela estar seguindo rumo ao norte indica que tínhamos razão. Talvez isso dê certo. A ideia do que vem pela frente me causa um calafrio quando passo pela segunda torre e começo a descida suave rumo a Marin County, do jeito que era antigamente.

»

No fim da tarde, estou ao norte de São Francisco, num trecho remoto da Highway 1. Ela está fora de vista, quase dois quilômetros adiante, mas não estou preocupado. Sei exatamente para onde ela está indo.

Meus punhos agarram o volante com mais força quando os pneus do Jeep cantam numa curva fechada. Sem mureta de proteção, o menor vacilo me arremessaria encosta abaixo, no mar cinzento. Foi loucura ter permitido, em outros tempos, que as pessoas dirigissem nesta estrada.

Os fachos dos faróis de milha penetram o nevoeiro.

O ar cada vez mais frio, o para-brisa umedecendo.

As grades da entrada surgem a distância. Começa a chuviscar; água goteja das voltas do arame farpado sobre a cerca de três metros de altura que corre em paralelo à estrada.

Paro na cancela diante do portão de ferro. Na arcada, as vigas de sequoia foram engenhosamente gravadas a fogo com o nome da propriedade: SUMMER FROST.

Digito o código; o portão se ergue. Cruzo a entrada e sigo numa via única de asfalto, entro em um bosque de pinheiros espaçados com uma regularidade perfeita.

Depois de uns quinhentos metros, saio do bosque e tenho um vislumbre da construção no alto da falésia. Constituída por pedra e vidro,

ela se equilibra precariamente num promontório que se projeta sobre o mar, uma arquitetura que evoca a estética de um castelo japonês.

No acesso circular para carros, estaciono junto à Maserati roubada e desligo o motor.

A neblina está se dissipando… por ora.

A capota do conversível está recolhida, e os bancos de couro, molhados.

O ar frio carrega um cheiro de cedro molhado e eucalipto, com um toque da fumaça que emerge das duas chaminés em extremidades opostas do vasto casarão, que lembra um pagode oriental. Tudo é… *quase* exato.

Toco o Ranedrop novamente.

— Estou aqui.

— Onde ela está?

— Dentro da casa, acho.

— Vá com cuidado, por favor.

Subo os degraus de pedra por baixo de beirais que se projetam exageradamente, até uma porta de entrada decorada com vidros marinhos cintilando a luz do interior da casa.

Empurro a porta, entro, meu coração batendo forte. Bem à frente, uma primorosa escadaria conecta os três andares, erguendo-se do centro da casa. A pouca distância, uma cachoeira artificial derrama-se das pedras para um tanque, e o ar propõe o aroma de sândalo, baunilha e fumo velho de cachimbo, mas ainda sem êxito. Por toda parte vê-se couro escuro, madeira escura. Esculturas de pedra que parecem mais velhas que o próprio tempo. Percebo a certa distância uma gravura de Escher em destaque, pendurada sobre uma escrivaninha Luís XIV, algo que não havia percebido antes.

Pegadas úmidas se afastam ao longo de um corredor iluminado por castiçais elegantes, cuja luz é atenuada por protetores de papel de arroz.

Sigo por ali, chegando enfim a uma biblioteca cujo pé-direito tem cerca de oito metros e cujo teto curvo lembra o interior de uma cate-

dral. Imensas janelas dão para a colina e para as falésias que descem quase verticalmente até o mar.

Não há nenhum som além do crepitar do fogo na lareira de pedra.

Caminho em direção à tribuna no centro do aposento. Sobre ela, um enorme códice está aberto, de páginas grossas, quebradiças e escurecidas pelo tempo. Estão cobertas de palavras em alguma língua morta há muito, o texto envolve o desenho tosco de uma mulher nua, pálida e de cabelo louro-palha deitada sobre um altar de pedra. Uma linha escura que parece ser sangue escorre de seu coração, cai na pedra, goteja no chão. Um vulto encoberto por um manto está de pé ao lado dela, segurando um códice aberto numa página com o desenho de um homem envolto por um manto e segurando um códice, diante de uma mulher pálida estirada sobre um altar.

Eu me afasto da tribuna e começo a subir uma das escadas em espiral da biblioteca, que leva ao mezanino de acesso às prateleiras mais altas.

A lombada de um livro chamado *Le Grand Grimoire ou Dragon Rouge* ainda está úmida dos dedos dela. Empurro a lombada e a estante gira, abrindo uma passagem.

Tiro do bolso meu celular antiquado, acendo a lanterna e adentro um corredor estreito e escuro. O perfume dela ainda paira no ar — rosas e alguma especiaria exótica.

Nunca cheguei tão perto a ponto de sentir o perfume dela, e isso me deixa eufórico.

A passagem secreta segue em zigue-zague no interior da grossa parede da mansão e depois em aclive íngreme por uma escada tortuosa de degraus de pedra, desembocando numa porta que só uma criança conseguiria transpor sem se agachar.

Agarro a maçaneta de cristal e com todo cuidado abro a porta, cruzando o trecho sombrio por baixo de uma escada e chegando a uma espaçosa suíte.

A cama está desfeita e bagunçada. Uma garrafa vazia de uísque está caída no piso, e o fogo crepita na lareira. Uma vitrola está tocando

Bach, o Prelúdio da "Suíte nº 1 para violoncelo em Sol Maior", e as notas cortam o ar como nuvens de tempestade.

Do outro lado do quarto, luzes brilham pelo papel de arroz da porta que leva ao banheiro.

Vou até lá, abro a porta corrediça.

Velas por toda parte, suas luzes refletindo-se nos espelhos, na ducha sem portas, nos azulejos das paredes, úmidos da condensação.

Outra garrafa de uísque está pousada no mármore, junto à banheira vitoriana de pés metálicos, dentro da qual há um homem, mergulhado até o queixo.

Meu Deus. Achei que ela iria até ele, mas nunca esperei isto.

A água está se tornando escarlate pelo sangue escuro que brota de cinco ferimentos a faca em seu peito e de um rasgo que destroçou sua garganta.

Eu me ajoelho, apoiando-me na borda da banheira. O vapor que se eleva da superfície da água traz um travo metálico que presumo ter a intenção de reproduzir o odor do sangue. Mesmo à luz de velas, ele parece incrivelmente pálido.

Seus olhos se abrem… ou quase.

Vida se esvai de dentro deles.

— Foi ela quem fez isso, Oscar? — pergunto.

Não há resposta dele, seus olhos vidrados de morte e lágrimas. Então, com a força de um último alento, ele desliza para baixo da superfície rubra da água da banheira.

Eu me ergo e volto para o quarto, onde uma porta envidraçada se abre para a varanda mais alta da casa. Saio ali ao frio do entardecer e vou até a grade do parapeito.

O sol parece se agarrar em desespero ao horizonte, o nevoeiro bloqueia toda sua luz, salvo uma fria e distante bola em um tom vermelho.

Ondas se chocam de encontro às areias negras da praia, trezentos metros abaixo de onde estou.

Percebo um movimento na encosta e, embora a luz esteja começando a sumir, distingo-a pelo borrão louro dos cabelos. Está se afastando

da mansão, descendo o barranco por uma trilha que acabará por levá-la ao mar.

»

Fora do casarão outra vez, sigo ao longo do perímetro da base de pedra, em direção à extremidade do promontório, depois encosta abaixo, através da luz azulada do anoitecer. Logo estou de quatro, agarrando-me aos tufos de mato ralo e dando um jeito de descer para a praia enquanto o sol afunda no horizonte, tudo resumido a mil tons de azul.

O som da arrebentação das ondas está mais forte, mais perto.

E posso vê-la a distância, caminhando na areia escura da praia.

»

Não apenas escureceu; estou em meio a trevas quando finalmente alcanço a areia. Usando minha lanterna, esquadrinho a praia até localizar as marcas de suas pegadas.

Sem ter ideia da dianteira que ela tem em relação a mim, começo a correr, a forte arrebentação à minha esquerda, suor me ardendo os olhos, e minhas mãos entorpecidas pelo frio.

Não há nada visível além da areia macia, negra, iluminada pelo facho da lanterna do meu celular. Corro durante uns quinze minutos, talvez mais. Corro até que uma lasca da lua rompe a névoa e volta a revelar o mundo.

A maré está subindo, e o resquício do último vagalhão desliza sob meus sapatos e amolece a areia onde piso.

A pouca distância, rochedos emergem do mar como navios congelados, suportando o choque das ondas. E lá além, no fim de tudo, um farol monta guarda numa ponta afilada da costa que avança mar adentro, sua lanterna girando um cone de luz dentro do nevoeiro.

Paro de repente; ela está logo adiante, andando rumo ao farol.

Eu grito:

— Max!

Ela se detém, olha para trás. Ainda está com os óculos escuros, e à luz do luar vejo a faca em sua mão direita, a lâmina escura de sangue.

— Por que você matou seu marido? — pergunto.

— Marido não. Oscar mata Max com faca duas mil trinta e nove vezes.

— Não vou machucar você, Max — digo. — Meu nome é Riley. Pode confiar em mim.

— Sai. — Sua voz é perfeitamente equilibrada, mas ela aponta a faca para mim. — Riley pra longe Max.

Dou um passo para trás.

— Para onde você está indo? — questiono.

Ela aponta o farol com a faca.

— Por quê?

— Único lugar não fui.

— Você nunca vai conseguir chegar lá. Não importa quanto ande, ele fica sempre à mesma distância.

— Responda por quê.

— Porque aqui é o máximo que dá para chegar nesta direção. É como o deserto. É como Monterey. Como quando você quis atravessar o mar nadando. Essa aqui é a fronteira norte.

— O que é fronteira?

— Um limite. Sabe o que é limite?

— Sim.

— Por que você insiste em ir para os limites?

— Pra saber o que tem lá e o que vem depois.

Ela está muito além do que nós imaginávamos.

— Há mais coisas do que você já viu — conto. — Muito, muito mais. Quer que eu lhe mostre?

Ela dá um passo na minha direção, apertando a faca com mais força. Eu recuo alguns passos, com a espuma das ondas cobrindo meus sapatos, encharcando minhas meias com água fria e salgada.

— O que acontecendo com Max? — pergunta ela.

Como é possível ao menos começar a responder algo assim? Antes mesmo de tentar, um grito rasga o nevoeiro lá no alto. Ergo os olhos e vejo um trio de silhuetas irregulares passando diante do luar branco como ossos.

Uma das criaturas aladas mergulha do céu como uma bomba, e mesmo com o fragor das ondas posso ouvir suas asas enormes esvoaçando no ar e os gritos das outras duas quando também iniciam seu mergulho.

— Se vier comigo, Max, posso salvar você. Posso lhe mostrar o que procura.

— Ir onde?

— Tem uma gruta na encosta do morro.

Começo a andar na direção da terra, mas Max se mantém firme, enquanto as harpias descem sobre nós.

— Max, venha!

A criatura mais à frente está a segundos de distância, os braços anormalmente longos esticados, garras reluzindo como metal preto à luz da lua.

Eu me jogo no chão, achatando-me na areia molhada, e o monstro passa a centímetros do meu corpo, com um bafo fétido e quente como uma fornalha, as pontas anavalhadas de suas asas rasgando sulcos na areia preta.

A segunda harpia também passa, e eu ergo a cabeça para ver Max mantendo-se firme quando a última delas mergulha. Ela ergue a faca à frente do corpo e a crava no meio da criatura, fazendo a harpia dar um grito de agonia e sumir em rodopios ao longo da praia.

— Max! Venha comigo!

Começo a correr para a montanha, espiando por sobre o ombro, o nevoeiro eletrificado pelo luar. Duas pequenas manchas negras estão escalando os penhascos que se elevam sobre o mar e virando-se para voar novamente sobre nós.

Max está logo atrás de mim, e a boca da gruta está bem à nossa frente. Puxo o celular do bolso e acendo a lanterna enquanto escalamos vários metros de face rochosa até a entrada da gruta. A passagem é estreita e irregular, e as rochas úmidas gotejam sobre mim enquanto me arrasto por um túnel que se afunda na montanha.

Depois de uns cinco metros, a passagem se alarga e dá acesso a uma câmara, com duas aberturas logo adiante. Volto a descer um pouco pelo túnel e dou a mão a Max. O som das harpias começando a se esgueirar pela abertura reverbera na câmara.

— O túnel da esquerda vai levar você de volta ao Hotel Fairmont — digo. — Você pode continuar a viver no mundo que já conhece. O outro túnel vai lhe mostrar o que existe depois das fronteiras. O que é real.

— O que ser "real"?

— A verdade.

Max olha a passagem escura.

— Diga a Max o que tem lá.

— Não posso. Ou posso, mas você não consegue entender ainda. Tem que querer saber. Tem que escolher.

— Max com medo.

— Eu estarei aonde você for. Eu tomo conta de você.

A cabeça de uma harpia aparece na abertura que dá acesso ao mar.

— Max, se você quiser saber o que tem do outro lado, precisa ir agora.

Max se vira, hesita por dois segundos, então começa a se encaminhar para a abertura que conduz à descoberta, enquanto a primeira harpia consegue se enfiar para dentro da câmara. A criatura se endireita, avultando acima de mim — dois metros e meio de altura, sua cabeça negra quase tocando o teto.

Dá um passo na minha direção, arreganha os dentes medonhos e ergue a longa pata direita, fazendo uma das garras roçar a pele do meu pescoço.

»

Meus olhos se abrem, os verdadeiros. Estou numa das oito poltronas do jogo dispostas em círculo no portal da Interface Neural Direta situado no 191º andar do edifício da WorldPlay, no centro financeiro de São Francisco.

Quando minha visão se reajusta, retomando o foco, e o estado onírico se dissipa, vejo meu chefe, Brian, sentado ao meu lado num banco com rodinhas enquanto um técnico realiza a remoção do equipamento preso à minha pele.

— Que tal o upgrade sensorial? — pergunta ele.

— Os cheiros ainda precisam de uns ajustes, mas está muito melhor do que no mês passado.

— Que bom.

O técnico enfim desafivela as correias de couro que prendem meu peito, minhas pernas. Eu digo:

— E então? Por quanto tempo vai me manter neste suspense?

Brian sorri.

— Nós a pegamos.

Para alguns, a tecnologia é o prenúncio do fim do mundo. Para outros, é apenas o começo de uma nova era. Renomado escritor de ficção científica, autor dos best-sellers *Matéria escura* e *Recursão*, Blake Crouch convidou grandes nomes da literatura contemporânea para traçar histórias audaciosas que mergulham nos desdobramentos que os avanços tecnológicos acarretam à humanidade.

Em "Summer Frost", Crouch traz uma trama marcante que desafia nossa noção de humanidade enquanto assistimos à obsessão de uma programadora de videogames por uma de suas personagens. "Pele de emergência", de N. K. Jemisin, explora a missão de um soldado em visita a uma Terra abandonada. Uma viagem potencialmente sem volta, mas pelos motivos mais inesperados. Em "Arca", Veronica Roth mostra o poder das lembranças, que, quando coletadas e reunidas, são capazes de revelar o passado e também ajudam a construir o futuro. Amor Towles surpreende em "Você chegou ao seu destino" ao mergulhar na manipulação genética quando um casal se vê diante da possibilidade de decidir a trajetória de seu futuro bebê. "A última conversa", de Paul Tremblay, é uma narrativa repleta de suspense que nos faz questionar os limites da consciência e de nossa identidade. Já "Randomizando", de Andy Weir, fecha a obra com uma história eletrizante envolvendo cassinos, hackers e computação quântica.

De potência criativa memorável, os contos desta coletânea se pautam em temas diversos, como inteligência artificial, colonização de outros planetas, engenharia genética e programação, para nos fazer encarar o que há de mais brutal e profundamente humano em nós e em nossa sociedade. Imersos em tamanhos medos, paixões, sonhos e ambições, vem à tona a complexidade de se estabelecer limites e de realizar escolhas diante da busca pelo futuro que desejamos.

SAIBA MAIS:
www.intrinseca.com.br/livro/1116/